

O ECCO DE BARCELLOS.



Só em Barcellos houve alardo um dia,
Em que o Sol pelos campos dilatados
Com terrível e fera galhardia
Desasete mil peitos vio armados.

[Poema Epitalamio de Mansel de Gallegos. Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL. DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

PREÇO D'ASSIGNATURA.
Por um anno..... 2\$400
Por seis mezes..... 1\$200
Por tres mezes..... \$600

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.

Numero avulso 30 rs. Anuncios e Correspondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os snrs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs.
Os annuncios e correspondencias, devem ser remettidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS.
Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.

E COM ESTAMPILHAS.

Por um anno 2\$920
Por seis mezes 1\$460
Por tres mezes \$730
Para o Estrangeiro accresce o porte.

BARCELLOS 9 DE AGOSTO.

O snr. ministro da fazenda reconheceu finalmente a necessidade de uma modificação nas leis tributarias, e propondo-a ao parlamento, cumpre a promessa consignada no discurso da corôa.

A urgente necessidade de modificar algumas disposições da lei, e instrucções que regulam a sua applicação, accusavam-na os embaraços que na pratica se dão, e os factos, contra os quaes se levantaram as queixas de todos, porque desdizem do pensamento fundamental sobre que assentou a reforma tributaria — a igualdade na repartição do tributo —.

O paiz quer estradas; quer instrucção publica bem organizada e demandada; quer força publica para guarda e manutenção de todos os direitos; quer melhoramentos em todos os ramos da administração, porque o estado é antes de tudo a justiça organizada; quer reformas uteis; quer o fomento da riqueza publica; e todas estas exigencias e legítimas aspirações, importam a tacita acceitação dos sacrificios que todos esses beneficios custam.

O povo não pôde por tanto recusar-se ao imposto, que é uma necessidade absoluta e incontestavel. Porém, é principio rigoroso de justiça, que o imposto, como sacrificio indispensavel, seja distribuido na razão das posses de cada um, e na proporção da parte que a cada contribuinte cabe dos beneficios publicos.

Foi este o pensamento que presidio á ultima reforma tributaria, e cumpria por isso, que tanto nas suas disposições, como nas instrucções que regulam a execução, se não desdisseselle.

A implantação de um novo systema, sobre tudo em materia d'impostos, acha sempre resistencias nos habitos, e nos interesses particulares que os abusos do antigo protegiam, e carece por isso de authorisar-se com palpaveis e reconhecidas vantagens no interesse commum.

Na ausencia que infelizmente se dá de bons dados elementares para uma distribuição regular do imposto, maior e mais imperiosa é a necessidade de se procurarem todos os meios de conhecer a verdade, e facilitar recursos legaes aos que soffrem injustiça relativa.

E' neste sentido, que, a nosso vêr devem fazer-se as modificações.

Tolher ou circumscrever os recursos legaes, é d'algum modo authorisar outros que lamentamos e condemnamos, e de que infelizmente já ha exemplos.

Pelas disposições em vigor, não ha recurso do escrivão da fazenda, senão para elle mesmo, e delle para a junta dos repartidores de que elle é o mais importante membro.

Além disto, o recurso para o conselho d'estado não tem effeito suspensivo, e só pôde dar-se por faltas no processo ou offensa da lei expressa.

Não é preciso vêr muito, para alcançar que os recursos legaes assim limitados, e dependentes d'uma só entidade, de mais a mais interessada no augmento da cifra do imposto, tolhem ao contribuinte todo o meio de fazer valer as suas reclamações.

A modificação nesta parte, é por tanto uma necessidade impreterivel.

A necessidade de conciliar a justa disposição do art. 26 das instrucções sobre o rendimento collectavel dos predios rusticos, com as disposições do art. 42

que annulla aquella, é tambem de tal urgencia, que contamos sera attendida nas modificações que o snr. ministro da fazenda se propôz fazer á lei tributaria.

É notável o contraste entre os jornalistas e pamphletarios do reino visinho empenhando-se n'um debate annexionista, e o quadro que nos offerece a sua governança pública!!!

Ainda ha pouco nos veiu á mão um opusculo de Pio Gullon, no qual o seu author, depois de pintar com as mais feias côres o estado de Portugal, suppondo que nos faltam todas as condições de nacionalidade, se empenha em descrever o futuro brilhante d'um só reino á quem dos Pirenéos debaixo do sceptro da innocente Isabel II.

Imagina que os homens de maior intelligencia e cultura d'espírito d'entre nós, como que envergonhados da nossa barbarie, do nosso alrazo e da nossa triste situação moral e material perante a Europa, suspiram todos por um momento favoravel para que se realice o sonho doirado d'annexação á Hespanha. Instituições, finanças, administração, exercito, marinha, instrucção publica, tudo é victima do soberano desdem do pamphletario hespanhol. Os mesmos fóros e regalias da nossa imprensa não escapam aos mordazes remoques de Pio Gullon!!!

Não encontra no nosso paiz uma só estrada, nem vias acceleradas, nem o mais pequeno indicio de melhoramentos materiaes!!!

Nega-nos tudo, menos uma coisa; o devermos ser *annexionados*!!!

Cortez e Pizarro tambem diziam aos vencidos de Montezuma: *tudo vos concedemos, menos viver.*

Pio Gullon, lastimando-se de tamanha desventura, lembra-se de nos felicitar; e arrancando-nos das garras do leopardo brelão, que nos tem sopeados, offerece-nos, na sua muita *piiedade*, a unica taboa de salvação — a *obediencia passiva e o paternal governo da innocente Isabel II*!!!

Não sabemos qual admirar mais, se a má fé e desfaçatez, se a ignorancia e ineptia com que se escreve no reino visinho acerca das nossas coisas!!

Desfiguram-se os factos torpemente, e somos calunniados traiçoeiramente perante a Europa, suppondo-se que este caminho é o mais chão para nos levar á sonhada incorporação!!

A nossa situação actual é mui diversa da de 1580; não temos pretensores ao throno; não temos a fatalidade de Alcacerquibir, e a ainda maior fatalidade d'um rei velho, rêlho e pèrro, cuja elevação ao throno, depois da calamidade africana, foi a prôva mais evidente da insensatez d'um povo opprimido com os grandes desastres. Quando um povo, na orphanidade da realesa, se lembra de ir buscar ás bordas do tumulto um velho, ornado com a purpura cardinalicia para lhe envergar o manto real, dá sobejas mostras do que se pôde esperar d'elle.

Assim mesmo, Philippe II usou de toda a astucia, e de todos os meios de corrupção para supilar o espirito de nacionalidade, e prevenir os embaraços que se poderiam levantar diante dos

eus planos d'absorção.

Hoje que as dificuldades são maiores, que já ninguém se podera illudir com as consequências da dominação estrangeira, porque a dolorosa experiencia de sessenta annos ahí está patente para se renovar, sejam quaes forem as condições politicas que se nos offereçam, pois que a força dos acontecimentos ha de infallivelmente sobrepujar a vontade dos homens; é então que os Pios do Manzanares nos veem prègar annexões, que repugnam á nossa lingua, á nossa indole, á nossa prosperidade, e á nossa civilisação....

Podem dizer-nos, que se não resuscita a tenebrosa politica do duque d'Olivares; que as sociedades modernas pensam, obram e vivem d'outro modo mui diferente: d'accordó: mas nós estamos no nosso direito em regeitarmos as offerendas gregas.

Se não volvem os tempos dos duques d'Olivares, ha hoje outros duques, de Victoria, de Valença, de Tétuão, que se não são tão astutos, e se não seguem a politica ultra machiavelica da escolla de Carlos V e seus successores, nem por isso deixam de ostentar os instinctos tanto ou mais sanguinarios como os que caracterisaram os paternaes governos dos seculos XV e XVI no reino visinho e suas conquisistas.

E' certo que as condições geographicas da peninsula iberica estão indicando a formação de uma só nacionalidade áquem dos Perynèos. Não ha duvida de que um povo com a mesma lingua, religião, costumes, leis, e o mesmo governo, habitando um torrão abençoado, com bellos portos nos mares que circundam a peninsula, teria todas as condições de grandesa: entretanto não se dão estas circumstancias; nem as condições geographicas podem por si só determinar a formação das diversas nacionalidades.

Todos sabem a historia antiga e moderna dos povos d'esta peninsula; e de como, pelas colonisações, guerras intestinas, e diversas invazões, se organisaram, e anniquillaram as multiplicas nacionalidades da peninsula iberica.

Portugal, exceptuando o interregno Pilippico, teve desde o seculo XI a sua autonomia.

Não é pois de hontem que somos uma nação livre e independente. A nossa historia offerece quadros de grandesa e de decadencia, como acontece a todas as nacionalidades.

Sem faltarmos á modestia, podemos affrontar com vantagem o paralelo com a Hespanha, ou com outra qualquer potencia, ainda das de primeira ordem: para que pois, hoje, que gosamos de instituições livres, que avançamos na estrada da civilisação, segundo os nossos recursos; que não inquietamos ninguém com uma politica perturbadora, não de chorar sobre a nossa sorte lagrimas de crocodilo, e offerter-nos a taboa de salvación na tutella estrangeira?

E quem é que nos estende a mão protectora? E' a Hespanha, que ha trinta annos, ainda não pôde emancipar-se do dominio das facções que lhe dilaceram as entranhas; que ainda não chegou á adolescencia das instituições liberaes; que ainda não logrou que por dois annos funcionasse regularmente o mechanismo constitucional; que ainda não pôde sahir da tutella da espada!!!

A sua vida constitucional tem sido uma luta constante entre as agonias de um despotismo sanguinario e feroz, onde nenhum partido governára, sem que subisse ao poder sobre as ossadas dos seus contrarios.

Temos visto a terra hespanhola humedecida com o sangue de milhares de victimas sacrificadas aos caprichos ora d'uns, ora d'outros bandos, e sempre em nome da mesma lei, variando apenas os executores de alta justiça.

Nobres cabeças não sido ceifadas em nome da lei, que pune o crime; porém, pouco depois, o que era crime passou a ser virtude, e os heroes da vespera entregam as cabeças aos verdugos que nasceram do sangue das primeiras victimas!

Não ha treguas nos fusilamentos senão em quanto não crescem as sementes das ultimas hecatombas.

Não ha sentimento, não ha religião, não ha piedade, não ha mesmo conveniencias politicas, que possam fazer parar esta roda nefanda de assassinatos juridicos.

E querem que nos associemos a esta vergonha, a este escandalo humanitario? Nunca; já-mais!

Não ha cidade, villa ou aldeia, que não te-

nha sido theatro de scenas sanguinarias: até ultimamente a obscura Loja teve o seu festim barbarico!! Um motim popular, de origem duvidosa e fins mysteriosos, obriga o governo a levar aos carcerees centos de amotinados; o aparelho funebre das leis de sangue trabalha; e até as cabeças dos desgraçados e obscuros operarios rolarão já na terra maldita!!

Que forte organisação a de um governo que desce a ensaiar a guilhotina n'um obscuro trabalhador?!

Os Tarquínios de Roma segavam as papoulas altas: os de Hespanha respigam a scara, e não fica nenhuma de pé.

E querem annexões, estes cannibaees do seculo XIX? Nunca; já-mais!

Os nossos poderes publicos funcionam regularmente sem a pressão diplomatica de potencia alguma.

A inepta assertão de que somos uma colonia ingleza; que estamos debaixo de um protectorado como o das ilhas Jonias, já a ninguém illude.

As commoções politicas por que passamos no nosso lirècinio constitucional, terminaram, e sem que applicassemos a esta enfermidade, inherente á infancia das instituições liberaes, o cauterio dos fusilamentos, como se usa ainda hoje na Hespanha. A nossa historia constitucional não apparecerá manchada com as paginas negras dos assassinatos juridicos.

Será um marco milliario entre os dois povos peninsulares.

Portugal hoje pôde levantar a cabeça perante a Europa, e sem faltar á modestia, dizer-se o povo mais livre entre as nações civilisadas.

Aqui escreve-se, falla-se, pensa-se, e obra-se na maxima plenitude.

Na Hespanha é o contrario: em quanto a imprensa soffrer as torturas que estamos presenciando; em quanto se notarem esses symptomas d'uma insurreição permanente, que é uma verdadeira enfermidade social; em quanto se não mudar de regimen, e que os governos, se convencam de que o sangue dos martyres já-mais acabará com o fanatismo politico ou religioso, escusam de nos fallar em assimilações; porque a eloquencia dos factos falla mais alto do que a do jornalismo, ou dos pamphletarios.

Não ha rios ou montanhas que nos separem da Hespanha, mas ha antipathias, ha embaraços moraes de toda a ordem, que tornam impossivel uma amalgamação.

Annexação suppõe liberdade e boa vontade; pois esperem que nós a pegamos, e então accellarão os nossos votos.

Que a Hespanha se queira engrandecer com os nossos despojos, comprehende-se; que preferisse os meios brandos aos da conquista, entende-se pela facilidade da empresa, e duração pacifica do logradouro: mas que se estejam a illudir os escriptores do reino visinho com phantasiadas aspirações dos nossos homens illustrados, ou com a decidida vontade dos povos, é calculo tão errado, que chega a provocar zombaria.

As annexões que se realisaram nas Duas Sicilias e nos pequenos estados da peninsula italiana, não podem authorisar as aspirações dos nossos visinhos, porque entre nós não se dão as mesmas causas que ali se fizeram valer.

A nossa situação é inteiramente diversa, e estamos convencidos de que já-mais actuarão sobre nós os manejos politicos que se ensaiaram em larga escalla no drama italiano.

Se porém os hespanhoes se lembrarem da conquista, a experiencia lhes mostrará a loucura de tal pretensão.

A formação das diversas nacionalidades que estanceiam sobre o globo não se delinea nos gabinetes com os mappas á vista.

O congresso de Vienna, depois de uma luta de gigantes, na qual se uniram muitas monarchias, fizera uma nova distribuição social, fundada mais no interesse dos partidores da Europa, do que no dos povos; mas o resultado ahí está patente a todos.

Não foram os mares, os rios, ou as montanhas, que determinaram a partilha; não se attendeu á indole das populações, ás suas necessidades moraes, nem ás condições geographicas, para se acatellarem futuras invasões: fôra o arbitrio da força, e nada mais.

Não nos admira o abuso da força nos diplomaticos do congresso de Vienna, porque o vencido de Waterloo também abusára, em quanto a

fortuna o acompanhára; mas hoje as circumstancias são outras, e diversos devem ser os resultados.

Estendam os nossos visinhos as suas vistas para alem do estreito; vão derramar o seu sangue nos campos que outr'ora foram regados com o nosso, que não nos inquietaremos com as suas glorias e vantagens territoriaes.

Pódem também ensaiar os seus brios ainda áquem do estreito, onde existe sobejo motivo para se cobrir de vergonha o pundonor nacional. Gibraltar será sempre o espectro de Banco para a Hespanha; e deixem-nos a nós, em paz, desenvolver lentamente os nossos recursos, e não teremos que lhes pedir auxilios para sustentar a nossa autonomia.

Não queremos que se amerceiem de nós, porque sejamos mal governados, ou porque a Inglaterra exerça sobre nós suzerania: se nós não queixamos, para que não de os hespanhoes chorar a nossa sorte? No jogo livre das nossas instituições temos garantia contra os máos governos; e a experiencia dos ultimos 10 annos pôde assegurar-lhes que poderemos obter melhoria de politica interna e externa, sem que demos á Europa o triste exemplo de continuadas commoções politicas, sempre abafadas com o vergonhoso e inefficaz apparatus das forças ou dos fusilamentos.

Desejamos que os nossos governos se precatem com medidas de segurança para qualquer eventualidade: as modificações nos armamentos da Europa obrigam-nos a fortes despesas para acompanharmos esses aperfeiçoamentos; mas estamos bem longe de approvarmos quaesquer demonstrações, cujo fim seja uma ostentação. Somos positivistas, e as medidas reaes que nos acobertem de qualquer insulto, são outra coisa que excitações instantaneas, e de nenhum proveito para a causa nacional.

Jornal do Commercio.

ARREMATACÃO DE FÓROS

Perante o Governador Civil do Districto de Braga, se tem de proceder no dia 26 do corrente Agosto na arrematação dos fóros incorporados na Fazenda Nacional, que voltam á praça pela 1.ª forma do Art. 11.º do Decreto de 21 d'Outubro de 1852 —

Concelho de Barcellos

29502	Fôro de 39 réis, tres alqueires e quarenta e cinco avos de pão meiado (milho alvo e centeio), e dois ovos e um quarto, imposto em pertença do casal do Bustello, sito na freguezia de S. Thiago de Aldreu: praso em vidas. — Emphyteuta, Antonio Rodrigues.	20\$832
29503	Fôro de 19 1/2 réis, quatro alqueires e trinta e dois avos de pão meiado (milho alvo e centeio), tres quartos de um ovo e tres molhos e tres quartos de palha painça, imposto em pertenças do casal Sebastião Dias, o Velho sito na freguezia de S. Thiago de Aldreu: praso em vidas. — Emphyteuta, Maria Antonia Fernandes, viuva.	31\$912
29512	Fôro de trinta e oito razas e trinta e dois avos de meiado, tres quartos de um carnoiro e quatro galinhas e meia, imposto no casal do Torago, sito na freguezia de Villa Cova: praso em vidas. — Emphyteuta, José Gonçalves de Bonça.	36\$275

- 29 513 Fôro de 153 réis, dezoito razas e tres quartas de meiado, um alqueire e cinco dezeseis ávos de milho alvo, tres quartos de uma gallinha, tres oitavos de frangão e quatro molhos e meio de palha painça, imposto em varias propriedades, sitas na freguezia de Villa Cova: praso em vidas. — Emphiteuta, João Matins Caruncho. . . 188\$456
- 29514 Fôro de 30 réis, e oito razas e dezeseite trinta e dois ávos de meiado, imposto em terras do Assento, sitas na freguezia de Villa Cova: praso em vidas — Emphiteuta, Manuel Martins das Pedras. . . . 76\$150

Declara-se que os Fóros estão todos reduzidos, e que o Laudemio é de quarenta conforme a Lei.

PORTO 9 DE AGOSTO DE 1861.

[Do nosso correspondente.]

O artigo que o *Ecco de Barcellos* publicou sobre os festejos do 1.º de Dezembro, foi perflhado e transcripto, com louvor, pelo semanario d'este nome.

Estão muito adiantados os preparativos, na Bolsa, para a exposição. Diz-se que a despesa d'estes preparativos não andará por menos de 4 contos de reis, sem contar a despesa do lunch que deve ser offerecido a S. S. M. M. porque essa é á custa do presidente da Associação industrial, que é tambem quem faz os convites. Tudo promette uma festa magnifica. Compoz-se expressamente um hymno para a inauguração da exposição, que já não é antes do dia 20, porque só passado este dia é que devem chegar S. S. M. M., que novamente se diz virão por mar, no vapor *Mindello*, que para esse fim se estava concertando a toda a pressa. O Sr. D. Pedro V não vem sem se fecharem as côrtes, e não poderá demorar-se porque tem de estar de volta na Capital, em principios de Setembro, para receber seu futuro cunhado o principe Hohenzollern, que o infante D. Luiz foi buscar na Corveta «Bartholomeu Dias».

A Sessão annual da Real Sociedade humanitaria foi como de costume, Solemnidade maggestosa e tocante.

O Secretario Mozer, fallando das ultimas cheias, inundações, temporaes nas lhas etc., fez um relatorio, que é peça notavel, e digno de ser dado á estampa.

Os negocios da empresa do palacio de cristal, que está entregue a boas mãos, vão de melhor em melhor.

Os da empresa do Caminho de ferro do Porto a Leça, Povoas etc. até Braga, que ultimamente estiveram quasi desarranjados, estão hoje, ao que parece, ainda melhor figurados do que antes estavam.

O tunnel da Serra do Pilar, para o Caminho de ferro do Porto a Lisboa tem já 36 metros d'extensão. Houve hontem ali um desabamento que doixou mais para morrer que para viver dous desgraçados trabalhadores.

As representações da companhia do Gymnasio, no theatro do S. João, tem tido continuadas enchentes, apesar do mau reportorio que a Companhia trouxe este anno.

Diz-se que o Club quer offerecer um baile a S. S. M. M. A quadra não é muito para taes festas.

Sei agora mesmo que chegou participação official de que o Sr. D. Pedro V só chegará depois do dia 20, e que da familia real só é acompanhado pelo infante Duqua de Beja, que vem pela primeira vez ao Porto.

Chegam amanhã 6 cavallos da casa real, e devem chegar mais 8, e 4 carruagens, o que faz supôr que S. M. deixando em Lisboa o Sr. B. Fernando para receber seu cunhado, projecta alguma visita ao Minho ou ao Douro.

COMMUNICADO.

Snr. Redactor — Com quanto sejamos dos primeiros a reconhecer os desvarios de alguns membros da classe ecclesiastica; com quanto mesmo alguma vez tivéssemos a tentação de accusa-los pela imprensa e denuncia-los á opinião publica, entendêmos sempre, que seria um grande inconveniente — um erro até — trazer para a praça, questões, que longe de aproveitar, desmoralisào, pela baixesa a que são obrigados a descer, aquelles, que o povo devêra ter como que separados das lutas e paixões humanas.

Não podemos comtudo, depois do que se tem escripto, desta Villa, nas columnas do «Purgatorio» deixar de dizer a tal respeito o que sentimos, embora com a nossa apreciação vamos ferir alheias susceptibilidades. Quem desceo a tanto, perdeu o direito a considerações.

Temos ouvido asseverar, que as correspondencias escriptas desta Villa para aquelle jornal, são escriptas ou minutadas por pessoas ecclesiasticas. Queremos persuadir-nos que tal accusação é exaggerada.

Seria um daquelles factos que não tem explicação.

Nós pensamos, que tal opinião tomou vulto, pelo facto mesmo de ser a aggressão feita contra ecclesiasticos. Mas esta razão, é, em quanto a nós, altamente contraproducente, e ridicula. Poderá isso acreditar-se? Entendêmos que não, mil vezes não.

Bem sabemos que a ideia é tal, tão triste, que ninguem lhe quer a paternidade: comtudo não farêmos semelhante conceito daquelles que são apontados como authores. Os que ali tem sido agredidos julgão e obrão mal. Não basta insinuar-se como certo o que apenas é suspeita: em casos taes certesa, e só certesa.

O sr. padre Simões, que tão magoado tem sido, e directamente ferido em taes escriptos; segundo ouvimos dizer, em breve terá certesa de quem é o seu inimigo, pois trata de chamar o jornal ao Jury. Não podemos comtudo deixar de admirar, como o sr. padre Domingos se dá por tão offendido com certas allusões!

Agora pôdia s. senhoria avaliar o que terão soffrido as victimas de sua lingua damnada. De certo não pensava assim, quando incitava outros a que devassassem a vida privada daquelles de quem não gostava. . . *mihî hodie, tibi cras.*

Desculpe, sr. Redactor, esta pequena digressão, que só tem por motivo dar a cada um o que é seu.

Voltemos á questão. E não só por decoro do estado devião os interessados matar semelhante pendencia mas até para evitar que a Autoridade superior ecclesiastica tome alguma medida repressiva, para se não dizer que ella dorme o somno da morte. . .

Em quanto a este ponto, ja não é misterio para ninguem, que o Exc.^{mo} Prelado *perfitamente* sabe o que por aqui se passa, e mais alguma cousa. Isto já o ouvimos a pessoa competente e insuspeita.

Tem havido de certo em todo este negocio muito e muito de ridiculo para lhe não darmos outro nome mais odioso. Trazer para correspondencias noticiosas questões que tocão á consciencia e ao dever de cada um; outras que são proprias da casuistica e das escolhas; aggreddir este porque usa batina curta, aquelle porque pertende

meias vermelhas; è (permittão-nos dize-lo) mais que ocioso e summamente ridiculo!

Não redusão a tão pouco a respeitabilidade do estado: levantem-se á altura da sua missão, e mostrem que aspirão a alguma cousa mais nobre, do que até agora tem mostradol!

Voltaremos ao assumpto.

Barcellos 8 d'Agosto

DESPEDIDA.

LUIZ Martins Villaga extremamente penhorado pelos obsequios que recebera dos seus Patrioticos, e conterraneos, na sua chegada a esta villa, que foram continuados, incessantemente, durante sua estada aqui, persuade-se haver abraçado a todos, e de todos se haver despedido; mas, quando por ventura algum faltasse, declara mui positiva, e terminantemente que não fóra por despeito, ou menos consideração, e sim por falta de tempo, e lembrança, e para suprir a qual, por este annuncio se despede de todos, a todos protesta seu reconhecimento, gratidão, e a todos offerece seu prestimo, até onde possa chegar, na capital, para onde se dirige, esperando ali seus preceitos.

AGRADECIMENTO

Marianna Narciza de Paços de Almeida Pimentel e seus irmãos Barão de Grimancellos e Jose de Paços de Almeida Pimentel, não podendo agradecer pessoalmente como desejavam a todos os Ill.^{mos} Srs. Ecclesiasticos e Seculares que lhes fizeram o favor de assistir na Igreja da freguezia de Grimancellos ao funeral de seu prezadissimo filho e sobrinho Fernando de Macedo de Paços Pimentel, honrando-lhe com a sua presença aquelle religioso acto, o fazem por este modo, afirmando-lhe o seu eterno reconhecimento e gratidão. Porto 10 de Agosto de 1851

D. Marianna Narciza de Paços d'Almeida Pimentel — Barão de Grimancellos — José de Paços de Almeida Pimentel.

NOTICIAS DIVERSAS.

POSSE. — Tomou hontem posse da administração da confraria de Nossa Senhora do Terço a nova meza eleita por occasião da festividade da mesma Senhora. Dizem-nos que não apparecêra o ex-thesoureiro, negando-se a assistir ao acto da entrega, de sorte que não havia os livros para lançar a acta da posse, nem as chaves do archivo aonde está o inventario para por elle receber as alfaías o novo thesoureiro.

O Juiz entendendo que era de proposito que o ex-thesoureiro se negou, mandou lavrar a acta em papel branco com protesto de ser lançada ao livro, e requereu ao Sr. Administrador para que o thesoureiro velho fosse intimado a fim de entregar as alfaías ao novo thesoureiro no praso de 24 horas; o requerimento foi deferido, mas não sabemos se a intimação se verificou.

Dizem-nos tambem que o ex-thesoureiro promove uma representação ao Sr. Governador Civil contra o actual thesoureiro o Rev.^{mo} Sr. Antonio da Silva Machado e contra a legalidade da eleição!!!

He uma representação curiosa: foi elaborada por um amante do destilado Bacho e assignada por outros quejandos. Deve ser *espirituosa*. Havemos de nos empenhar para colher e publicar a tal representação de tão *acreditadas* firmas: è verdade que não merece consideração, mas causa riso, a quem os conhecer.

QUE CUMPRIMENTO!! — No dia 3 do corrente veio a esta villa, a fim de defender um réo implicado no crime de roubo, que tinha d'entrar em audiencia, o Sr. Doutor Torres e Almeida da cidade de Braga; e quando este conhecido Bacharel voltava na diligencia para Braga pela meia noite, sem ter comtudo havido a audiencia por falta de testemunhas, foi no sitio proximo aonde bifurca a estada de Braga acommettido por tres homens desconhecidos com varapaos, que tratavam de indagar quem ha dentro da diligencia, o que poderam fazer por cauza do ser em lugar que a estrada sobe; e sendo conhecido pelo Sr. Torres e Almeida, que o cumprimento era para elle, mandou ao côcheiro que apressasse os cavallos, e os gatuos ou as-

Eu

sassinos gritavam para que o cocheiro parasse, mas ficaram com a boca na botija.

He uma das vantagens que tiram os viajantes do actual systema de viajar; mas concludo é muito necessario que as auctoridades providenceiem, para que se não repitam estes factos, por que augmentando a quadilha não se poderá facilmente obstar a um assalto e roubo aos passageiros.

AINDA OS BALÕES. — Uma rapariga que tinha perdido, ha pouco seus pais, que se empregaram na sua vida a calçar freguezes, entendeu que estava no direito de uzar tambem de balão: com effeito apparece a nova dama de grande balão pelas ruas, o que excitou a curiosidade d'algumas companheiras *ejusdem furfuris*, a pontos que uma d'ellas, quando a nova dama passeava hontem na Porta Nova, pregou dous arcos de pipa na saia que vestia, e com uma grande quantidade de fórmias de sapateiro, acompanhava feita creada a dama em perespectiva. Foi objecto de grande rizada, e satisfação para os garotos, e mais espectadores.

PASSAGEV. — Passou ante-hontem n'esta villa com direcção ás caldas de Lijó o Rev.^{mo} Snr. Abbade da Sé Primaz de Braga. S. Senhoria tem tirado immensas vantagens d'estas agoas; e nós desejamos que este anno o Snr. Abbade da Sé, continue a experimentar allivio na sua molestia, que todos os annos aquellas boas agoas lhe tem dado.

PASSEIO. — O bello passeio da ponte tem sido estas ultimas noites muito concorrido pelas nossas bellas, e por alguns espirituosos admiradores.

OFFERTA. — O Ill.^{mo} Snr. Joaquim Evaristo Pinto de Figueiredo e sua Ex.^{ma} esposa que se acham nesta Villa em caza do Snr. Eduardo Lima, offereceram para o Menino Jezus que se acha no altar da Senhora das Dores do Templo do Senhor da Cruz nesta Villa, um rico vestido de setim branco bordado a ouro. — Esta offerta torna-se muito mais apreciavel, porque foi tão sómente filha do genio generoso e devoto destas estimaveis pessoas, sem promessa ou motivo que obrigasse a tal dadiva.

O bordado é de um lindo gosto, e obra d'aquelle Ex.^{mo} Snr. —avalia-se em 12000 rs. — acha-se exposto até Domingo proximo.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Segundo as noticias telegraphicas de Pariz, parece que o conflicto entre o general Goyon, commandante das tropas francezas de occupação em Roma e Monsenhor Merode ministro da guerra do governo romano, dará em resultado a demissão d'este.

Segunda as noticias de Roma, não é só o conflicto indicado que produz a crise entre Roma e Pariz, e que obriga o Papa a sacrificar M. Merode, para evitar um rompimento formal com a França.

Despachos Telegraphicos.

Pariz 1. — A «Patrie» affirma que depois da visita do rei da Prussia ao acampamento de Chalons, o imperador irá a Bruhl.

Um despacho particular diz que o imperador Francisco José tem tenção de introduzir mudanças notaveis na concordata.

Turin 1. — A «Gazeta official» diz que se os empregados nas provincias napolitanas abusarem da authoridade que tem, serão chamados a dar conta severa d'isso.

O coronel Galateri, cuja proclamação foi publicada nos jornaes de Taranco, foi chamado a Turin.

Um despacho de Napoles annuncia a prisão de varios francezes, officiaes superiores ao serviço do Papa, e d'um sacerdote de Roma.

Turin 2. — O arcebispo de Napoles retirou-se para Civita. Continuum em Napoles as prisões borbonistas.

Pariz 3. — Esperam-se com anciedade as noticias de Roma, porque se julga que

vão alli adoptar-se resoluções importantes tanto por parte do governo pontificio, como pela do chefe das tropas francezas, em consequencia do que se passou entre Merode e Goyon.

Roma 2. — Crê-se que em consequencia das questões que houve entre monsenhor Merode e o general Goyon, e para dar a este e á França uma satisfação, sahirá do ministerio pontificio aquelle ministro.

Pariz 2. — Quarta-feira proxima chegará o rei da Suecia.

Liverpool 2. — Ha noticias da America do Norte. Os abolicionistas triumpharam dos partidarios da escravatura em varios encontros que tiveram.

Marselha 2. — Sabe-se de Constantinopla que os maronitas e os drusos acolheram mal o governador armenio enviado para o Libano.

Cadiz 3. — Dizem de Algeciras a um jornal, que passou pelo estreito a esquadra franceza sahida de Toulon, ignorando se o seu destino.

ANNUNCIOS.

EXPEDIENTE
TEMOS por algumas e repetidas vezes rogado aos vossos estimaveis assignantes o obsequio de mandarem satisfazer o importe vencido das suas assignaturas; tem sido pouco ou nada attendidos os nossos pedidos, que aliás temos feito, parece-nos, por delicadas maneiras. Sabem todos que estas empresas trazem consigo grandes despesas, e não pagando os assignantes é bem claro que a empresa não pode continuar com tamanhos sacrificios. Ainda esta vez pedimos assim, que satisfagam os importes vencidos o que de certo será para nós de eterno reconhecimento; sendo certo que ja neste jornal temos indicado o modo mais commodo para os nossos assignantes de satisfazer a remessa do dinheiro.



PELO cartario de Souza, correm editos de 30 dias a citar os credores do casal inventariado por fallecimento de Antonia da Silva Soares primeira mulher de Francisco Villaverde, da freguezia de Gual, para juntarem querendo, ao dito inventario, os titulos comprobativos de seus creditos. (147)

PELO Juizo de Direito desta villa e cartoria de—Lima—no dia 18 do corrente mez por nove horas da manhã, na praça publica desta villa, se tem de proceder á arrematação

d'uma morada de casas terreas com uma porta e janella sita na rua das Capellas desta mesma villa avaliada em 43\$000: outra morada de casas terreas com duas portas e duas janellas para a estrada, sita no lugar do Bem-feito freguezia de S. Martinho de Villa Frescainha, avaliadas em 122\$000 rs. penhoradas a Maria Theresa e marido de S. Martinho de Villa Frescainha, em execucao que lhes move Antonia Joaquina e marido Antonio de Campos desta villa— (178)

COLLEGIO DA ALEGRIA

PARA MENINOS DIRIGIDO POR P.^o NEVES, PROFESSOR DE LATIM NO COLLEGIO DA GUIA.

As proporções e conveniencias da casa, a boa direcção, educação e bons professores, nada deixarão a desejar. Quem quizer programmas dirija-se por carta do Director ao mesmo Collegio na rua da Alegria n.^o 283 Porto.

Nesta redacção se achão tambem alguns programmas, que se franqueão a quem queira. (141)

CASA FELIZ

PORTO

Loteria da Misericordia de Lisboa.

3.^o EXTRACÇÃO DO 3.^o TRIMESTRE.

SORTE GRANDE

R\$ 12:000:000

GUNHA & BORIZ

Affiançados no Governo Civil do Porto, na conformidade do edital de 28 de Junho de 1860.

Teem á venda nas suas casas de Cambio, rua das Flores n.^o 1 e 3, junto á Igreja da Misericordia, e defronte da Companhia dos Vinhos n.^o 96, bilhetes inteiros, a 6\$600, meios ditos, a 3400, quartos, a 1700, e cautelas de 500 reis e 250, cuja extracção terá logar no dia 10 de Agosto.

Satisfazem todase quaesquer encomendas que lhes sejam feitas das provincias, com toda a pontualidade, vindo acompanhadas do respectivo importe em vales do correio; e remettem aos seus freguezes as listas dos premios.

OS MESMOS venderam da ultima loteria parte dos seguintes premios em quartos e cautelas de 500 e 250 rs.

5518

3:000:000

3999..	100\$000
4000..	100\$000
5007..	400\$000

BARCELLOS. — Typographia de José Alves Val longo e Sousa. Rua Direita n.^o 28. —